

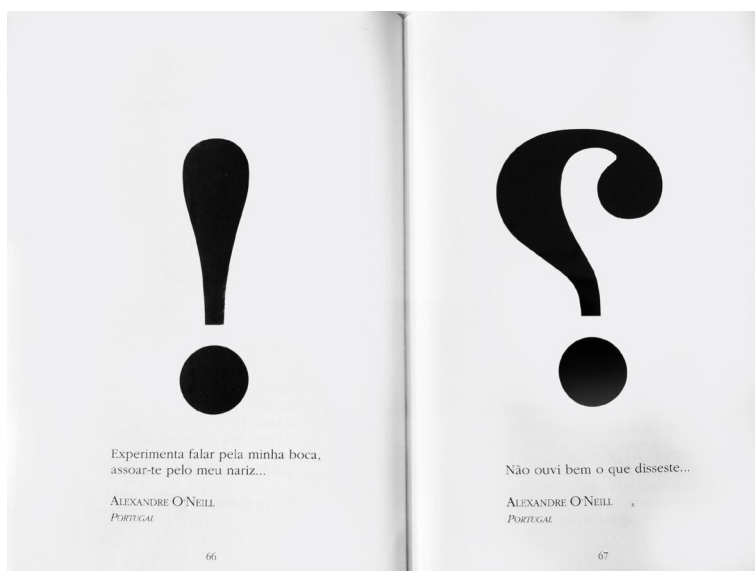
## **POESIA VISUAL: TERRITÓRIOS DA INVESTIGAÇÃO**

### **POESIA VISUAL EM PORTUGAL (1915-1977): TERRITÓRIOS DE EXPRESSÃO**

Servindo-me do título desta série de conferências, diria que o tema da minha investigação se situa ele mesmo numa zona oculta, numa zona limite, de fronteira entre dois territórios: o da palavra e o da imagem, entre o verbal e o visual. Falo da poesia visual: poesia feita para ser lida, ouvida, vista. Em particular, a poesia visual portuguesa do século XX entre as ousadias modernistas de impulsos futuristas e os experimentalismos das décadas de 60 e de 70. Por uma questão de organização cronológica – *histoire de l'art oblige* – situei a investigação entre dois momentos: 1915 e 1977, datas da publicação do primeiro número da revista *Orpheu* e da exposição *Alternativa Zero*, respectivamente.

Para a minha conversa na Cooperativa Árvore levei também um livro que, oculto da investigação e da dissertação final, é indissociável deste trabalho. Falo do *Primeiro Livro de Poesia*, antologia de Sophia de Mello Breyner Andersen com ilustrações de Júlio Resende e com o qual aprendi – aos 9 ou 10 anos – que poesia também é coisa para ver. Dessa antologia saliento os “Divertimentos com Sinais Ortográficos” de Alexandre O’Neill para os quais Júlio Resende não produziu nenhum desenho pois eles são a sua própria ilustração. A audácia de usar a ortografia como ilustração despertou em mim uma profunda curiosidade que me levou até a fazer os meus próprios poemas visuais inspirados por O’Neill. Mais importante ainda, levou-me a olhar para a poesia numa maneira mais prismática e menos ciclópica.

Da investigação enquanto processo ficam as memórias dos apontamentos e fotocópias que se acumularam ao ponto de me transformar numa versão do Tio Patinhas que mergulha numa piscina de folhas A4; as semanas em busca de uma citação específica – recordo-me numa frase de Montaigne, por exemplo – que depois acabaria por nem aparecer no texto final; um computador que avariou durante a escrita do último parágrafo do último capítulo e que apagou horas de trabalho; e ficam sobretudo as memórias das respostas sempre diferentes à questão “mas afinal o que é isso de poesia visual?” que me foram tantas vezes colocadas durante essa fase.



Créditos fotografia: Ricardo A. P. Reis

Depois, o processo comum a tantos investigadores no qual cada capítulo se parece emancipar e a querer um protagonismo que o trabalho final trata de limitar. Afinal, talvez seja esse o lado oculto da investigação, essa transformação de tantas horas de leitura, de tantos livros lidos e sublinhados, de tantas pesquisas paralelas (e perpendiculares) num número limitado de páginas que respondem a uma questão inicial tantas vezes reformulada.

A odisseia da escrita da dissertação levou quase um ano até estar concluída. Um ano em que os dias se repetiam *penelopamente*: as manhãs para tecer o texto e as tardes para o refazer. Um ano sempre em contacto com a minha orientadora – a professora Leonor Soares – cuja atenção ao detalhe e rigor científico contribuíram para que Ítaca não parecesse tão pobre.

Passados aproximadamente dez anos sobre essa investigação, mantêm-se a curiosidade e o interesse pelo tema que se foram traduzindo nalguns artigos e conferências e uma atenção voltada para qualquer “palavra em liberdade” ou “divertimento ortográfico”.

RICARDO A. P. REIS – Mestre em História da Arte (FLUP) e doutorando em Estudos Patrimoniais (FLUP) com uma investigação sobre o ensino da História da Arte.

Lecciona na Escola Superior de Educação (P. Porto) e na EPME (Escola Profissional de Música de Espinho). Colaborou em diversas publicações e seminários de História da Arte e Arte Contemporânea.